

Comportamento Semanal de Mercado

5 a 12 de maio



Expectativas e juros neutros

O processo de desinflação persiste, com a taxa anualizada do IPCA saindo de 4,65% a.a. em mar/23 para 4,18% a.a.. Contudo, em breve, essa trajetória deve sofrer uma inflexão com a saída das deflações de jul/22, ago/22 e set/22 da base de cálculo. Ademais, o indicador de abril surpreendeu negativamente, não só em termos quantitativos, como qualitativos. Nesse sentido, a estimativa para a inflação em 2024, horizonte relevante para a política monetária, reduziu-se ligeiramente de 4,16% para 4,15% no Boletim Focus. Com o cenário positivo, no que se refere à evolução do arcabouço fiscal, dos preços dos combustíveis e das *commodities*, da inflação de atacado e do comportamento da taxa de câmbio, a melhora mostra-se mais perceptível na inflação implícita nos preços das NTN-Bs, de modo que a projeção para o prazo de 1 ano saiu de 4,88% em 05/05 para 4,69% no dia 12/05 e de 2 anos de 5,50% para 5,35%. Respondendo à relativa frustração com o IPCA de abril, e com base na comunicação do Banco Central que não sinaliza o início da flexibilização monetária, a taxa real de juros *ex-ante* de 1 ano subiu 0,23 p.p. na semana para 7,39% a.a., aprofundando-se ainda mais em terreno restritivo. Entretanto, com o lento processo de desinflação e os diferentes entendimentos de membros do Copom, ganhou força entre alguns economistas a hipótese de que a taxa neutra seja maior do que os 4,0% a.a. atualmente estimados pelo Banco Central. Desse modo, a política monetária estaria sendo menos restritiva do que se acredita. De acordo com o CME Group em 12/05, as chances de que o Federal Reserve (Fed) aumente a taxa básica em 0,25 p.p. em junho cresceram levemente com as expectativas de inflação para 5 anos nos EUA avançando de 3,0% em abr/23 para 3,2% em maio. Mesmo com o dólar desvalorizando-se frente a uma cesta de moedas dos países desenvolvidos e emergentes, o real apreciou-se 0,60% na semana, com o dólar cotado a R\$ 4,92. Para esta semana, é importante sentir a temperatura nos dados da atividade local (IBC-Br, serviços e comércio) e IGP-10, além dos números para as vendas no varejo e a produção industrial nos EUA.

Expectativas

Inflação Implícita – Títulos Públicos (NTN-B)



Fonte: Anbima. Elaboração ABBC

A despeito da inflação de abril de 0,61% pelo IPCA superar em 0,06 p.p. a expectativa do Boletim Focus anterior, a inflação esperada para 2023 subiu apenas 0,01 p.p. para 6,03%. A mediana das projeções para maio permaneceu em 0,45%, enquanto a de junho caiu -0,02 p.p. para 0,50% e a de julho cedeu -0,01 p.p. para 0,37%. Para 2024, o horizonte relevante para a política monetária, a estimativa reduziu-se de 4,16% para 4,15%, com a previsão para 2025 continuando em 4,0%. Com o cenário positivo, no que se refere aos preços dos combustíveis e das *commodities*, à inflação de atacado e comportamento da taxa de câmbio, a inflação implícita nas negociações de títulos públicos voltou a cair. Com base nos preços das NTN-Bs, a inflação para o prazo de 1 ano fechou em 4,69% no dia 12/05 ante 4,88% no dia 05/05, a de 2 anos em 5,35% contra 5,50% e a de 3 anos recuou de 5,77% para 5,64%. Sem mudanças nos últimos boletins, as estimativas para a Selic continuaram em 12,50% a.a. ao fim de 2023, em 10,0% a.a. para 2024 e 9,00% a.a. para 2025, com o ciclo de afrouxamento monetário iniciando em set/23. Com algumas surpresas positivas nos indicadores referentes ao 1T23, a estimativa para a expansão do PIB para 2023 aumentou 0,02 p.p. na semana para 1,02%. Contudo, reduziu-se de 1,40% para 1,38% para 2024 e de 1,80% para 1,70% para 2025.

Com o cenário mais favorável ao real, a projeção para a taxa de câmbio manteve-se em R\$/US\$ 5,20 ao término de 2023, mas recuou -0,9% para R\$/US\$ 5,20 aos finais de 2024 e 2025. Na seara fiscal, o déficit primário deve encerrar em -1,0% do PIB para 2023, em -0,80% do PIB para 2024 e -0,39% do PIB para 2025.

Ata do Copom – Mai/23

Com um maior detalhamento em relação ao Comunicado da reunião, a Ata do Copom apresentou a atualização do balanço de risco para a inflação que fundamentou a sua decisão. No âmbito externo, o baixo grau de ociosidade do mercado de trabalho e uma inflação persistentemente elevada e disseminada no setor de serviços são desafios para a dinâmica inflacionária. De momento, a recente instabilidade financeira nos EUA teve contágio limitado, porém trazendo um maior aperto das condições de crédito, com o efeito global ainda incerto. O documento, ainda, enfatizou o princípio da separação de objetivos e instrumentos na condução das políticas monetária e macroprudencial utilizado pelos bancos centrais.

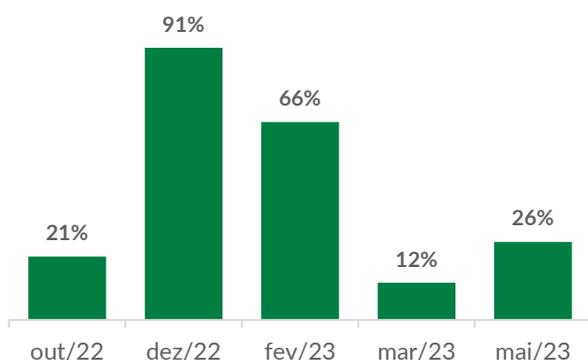
Localmente, antecipou um crescimento mais vigoroso no PIB do 1T23, especialmente em função da produção agrícola, assinalando a desaceleração gradual do crescimento, com pouca alteração nos indicadores do mercado de trabalho. A desaceleração na concessão de crédito estaria no entendimento do Copom compatível com o ciclo de política monetária, ainda que exista uma diminuição mais acentuada da oferta de crédito em algumas modalidades específicas.

O documento reforçou que as variações nas medidas de núcleo e dos preços dos serviços mais sensíveis ao ciclo econômico e à política monetária, consequentemente com maior inércia inflacionária, exibem uma lenta desaceleração, mantendo-se em níveis acima dos compatíveis com o cumprimento da meta e respondendo ao hiato do produto e às expectativas de inflação futura. No que tange ao hiato, não houve grande alteração no cenário prospectivo. Já as expectativas de inflação permaneceriam desancoradas das metas definidas pelo CMN, com uma ligeira deterioração na margem. Enfatizou-se, ainda, o comportamento benigno recente nos preços de atacado, tanto aos relativos a alimentos quanto aos industriais, e a adoção da bandeira verde para dezembro de 2023 e 2024.

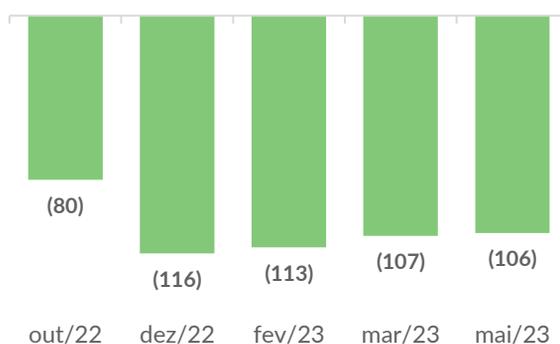
Adicionalmente, a apresentação da proposta fiscal teria diminuído a incerteza associada a cenários extremos de crescimento da dívida pública, queda ratificada na pesquisa realizada antes da última reunião. Para o Copom, a materialização de um cenário com um arcabouço sólido e crível favoreceria o processo desinflacionário, por meio do canal de expectativas, ao reduzir as projeções de inflação, a incerteza na economia, o prêmio de risco associado aos ativos domésticos e, por sua vez, as projeções do Copom.

Por fim, a ata trouxe uma atualização do debate acerca da possibilidade de que a taxa neutra real de juros seja mais elevada do que os 4% destacado em documentos anteriores do Banco Central. Ao avaliar os fatores que poderiam levar a um cenário alternativo caracterizado por uma taxa mais elevada, assinalou-se a possível adoção de políticas parafiscais expansionistas, que diminuiriam a potência da política monetária. Para alguns membros, uma possível elevação das taxas de juros neutras nas principais economias, o comportamento da atividade e a lenta desinflação seriam compatíveis com a hipótese de uma taxa neutra mais alta do que aquela utilizada pelo Copom. Nessa linha de argumentação, incorrer-se-ia em um impacto menos contracionista do atual aperto monetário do que o implícito nos seus cenários.

Expectativa sobre a Situação Fiscal Avaliação sobre a piora do cenário



Déficit Primário – R\$ Bilhões Mediana das Projeções



Fonte: BCB/Questionário Pré-Copom. Elaboração ABBC

IPCA - Abr/23

Com desaceleração de 0,71% em mar/23 para 0,61%, o IPCA de abril superou as projeções do Boletim Focus de um aumento de 0,55%. A variação foi positiva em todos os 9 grupos com produtos e serviços pesquisados.

Com uma variação de 0,82% em mar/23 para 1,49%, o grupo Saúde e Cuidados Pessoais foi o que teve maior impacto, contribuindo com 0,19 p.p. na inflação do mês. A autorização para um reajuste de até 5,6% no preço dos medicamentos, a partir de 31 de março, fez com que os produtos farmacêuticos aumentassem 3,55% no mês, respondendo, individualmente, por 0,12 p.p. do IPCA de abril. Ainda, nessa categoria, os planos de saúde tiveram uma alta de 1,20%.

A 2ª maior contribuição, foi a 0,15 p.p. do grupo Alimentação e Bebidas, cuja variação mensal acelerou de 0,05% em mar/23 para 0,71%, principalmente por causa dos preços da alimentação no domicílio (-0,14% para 0,73%), com destaque em abril para os aumentos do tomate (10,64%), leite longa vida (4,96%) e queijo (1,97%). Por outro lado, houve deflação para a cebola (-7,01%) e o óleo de soja (-4,44%).

A categoria Transportes participou com 0,12 p.p. no total, saindo de 2,11% em mar/23 para 0,56%, graças à deflação de -0,44% dos combustíveis, após subirem 7,01% em mar/23 por causa da reoneração.

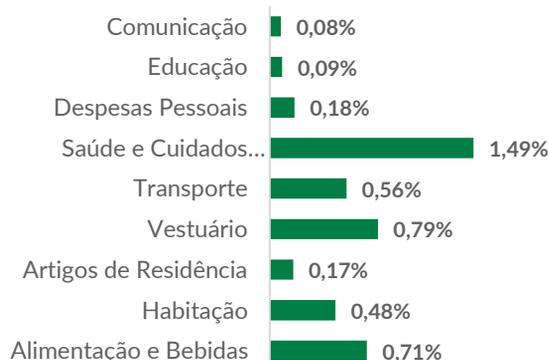
O processo de desinflação do IPCA persiste, saindo de 4,65% a.a. em mar/23 para 4,18% a.a. (pico de 12,13% a.a. em abr/22). Contudo, em breve, essa trajetória deve sofrer uma inflexão com a saída das deflações de jul/22 (-0,68%), ago/22 (-0,36%) e set/22 (-0,29%) da base de cálculo, originadas artificialmente por medidas de cunho fiscal.

Uma avaliação de outras medidas dimensiona as dificuldades para a convergência à meta. A trajetória do índice cheio é favorecida pelo comportamento dos preços administrados, cujo aumento passou de 2,33% em mar/23 para 0,86%, acumulando uma deflação de -2,11% a.a.. Já a variação dos livres subiu de 0,18% para 0,53%, contemplando uma elevação de 6,5% a.a..

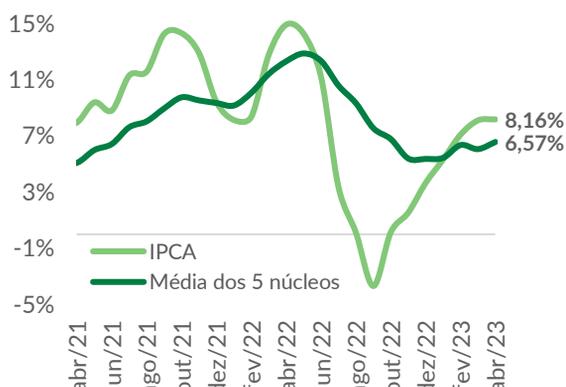
A medida subjacente dos preços industriais passou de 10,92% a.a. em mar/23 para 10,20% a.a., a de alimentação de 10,85% a.a. para 8,81% a.a. e dos serviços de 7,78% a.a. para 7,52% a.a.. Apesar da desaceleração, todas encontram-se em níveis incompatíveis com as metas.

Em consonância, a média dos 5 núcleos acompanhados pelo Banco Central ficou em abril em 7,31% a.a. ante 7,78% a.a. em mar/23. Como ponto de atenção, a média móvel trimestral (MM3) anualizada e dessazonalizada do IPCA acelerou de 8,09% a.a. em mar/23 para 8,16% a.a., patamar muito acima da meta de 3,0% a.a. para 2024.

Variação Mensal Por grupo



MM3 Anualizada e Dessazonalizada



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

Em relação à semana anterior, diminuiu-se a inclinação da estrutura a termo da taxa de juros (ETTJ), encerrou com um aumento nos prêmios dos vértices mais curtos e queda nas taxas dos mais longos. Respondendo à relativa frustração com o IPCA de abril, e com base na comunicação do Banco Central que não sinaliza o início da flexibilização monetária, houve um ajuste que promoveu a alta de 0,04 p.p. para o prazo de 6 meses e de 0,07 p.p. no de 1 ano. Com as taxas de juros fechando, respectivamente, em 13,49% a.a. e 12,75% a.a.. Contudo, ainda se espera que a Selic caia no 2º semestre.

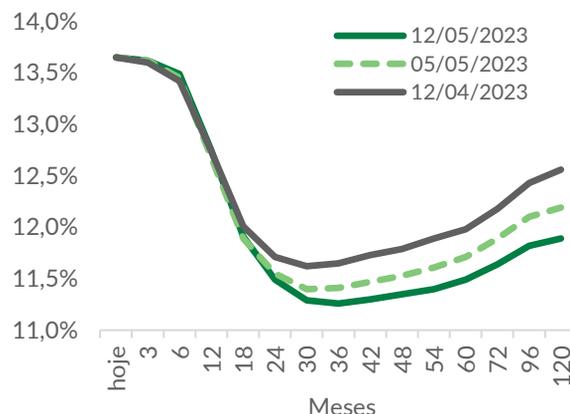
A partir da entrega do arcabouço fiscal, reduziu-se a probabilidade de materialização de cenários mais extremos para a trajetória da dívida pública e a percepção de risco fiscal. Com isso, verifica-se uma considerável queda dos juros longos. Na semana, a taxa do vértice de 2 anos saiu de 11,55% a.a. para 11,49% a.a., o de 3 de 11,41% a.a. para 11,26% a.a., o de 4 de 11,53% a.a. para 11,35% a.a., o de 5 de 11,71% a.a. para 11,49% a.a. e o de 10 anos saiu de 12,19% a.a. para 11,89% a.a..

Com a alta de 0,07 p.p. para 12,75% a.a. na taxa de juros do swap DI prefixado de 360 dias e a redução de -0,16 p.p. para 4,99% na inflação esperada para os próximos 12 meses, a taxa real de juros *ex-ante* subiu 0,23 p.p. para 7,39% a.a., aprofundando-se ainda mais terreno restritivo.

Entretanto, com o lento processo de desinflação e os diferentes entendimentos de membros do Copom, ganhou força entre os economistas de mercado a hipótese de que a taxa neutra seja maior do que os 4,0% a.a. estimados pelo Banco Central, ou em outras palavras que a política monetária estaria sendo menos restritiva do que se estimada, o que poderá incorrer em ajustes na precificação da curva de juros.

Por fim, a medida de risco calculada pelo spread entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, caiu -0,37 p.p. na semana, fechando em -0,86 p.p.. No mesmo sentido, porém em menor intensidade, o diferencial das taxas pré de 10 anos e de 1 ano, nos títulos públicos divulgados pela Anbima, recuou -0,32 p.p. para -0,73 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros



Taxa Real de juros *ex-ante*



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

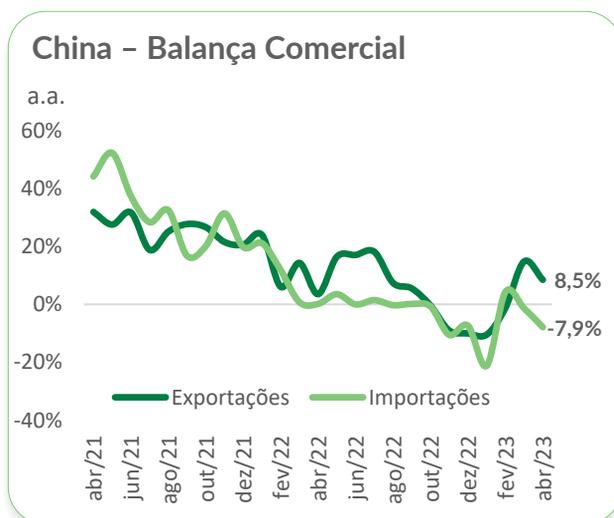
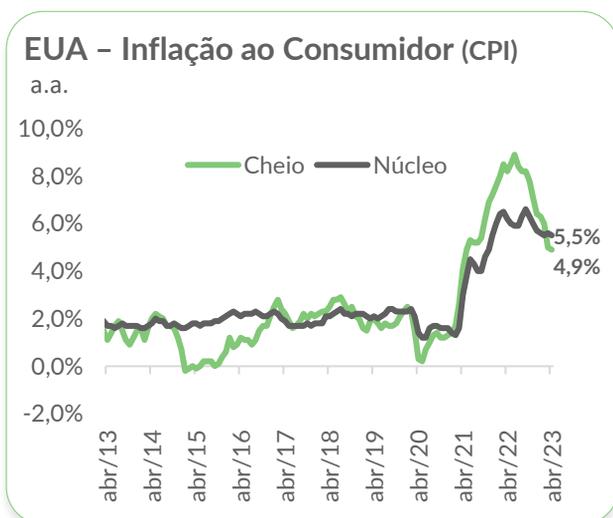
Economia Internacional

Dentro do esperado, o índice de preços ao consumidor (CPI) dos EUA cresceu 0,4% em abril, ante uma alta de 0,1% em mar/23, aceleração puxada pelos aumentos nos preços de habitação, veículos usados e gasolina. A taxa acumulada em 12 meses desacelerou de 5,0% a.a. em mar/23 para 4,9% a.a., o menor patamar desde abr/21. Excluindo-se alimentos e energia, o índice também subiu 0,4% no mês, mesma magnitude observada em mar/23, com a variação saindo de 5,6% a.a. em mar/23 para 5,5% a.a.. Embora ainda muito acima da meta de 2,0%, a leitura de mercado em relação ao número do CPI nos EUA reforçou a hipótese de que o Fed tenha de fato encerrado o ciclo de aperto monetário.

Em consonância, a inflação ao produtor (PPI) subiu 0,2% em abril ante queda de 0,4% em mar/23, pouco abaixo do 0,3% e acumulando uma alta de 2,3% a.a. (2,7% a.a. em abr/22). A medida de núcleo também foi de 0,2% ante a alta de mesma intensidade em mar/23, reduzindo a variação anual de 3,7% a.a. em mar/23 para 3,4% a.a.. As expectativas da inflação para 1 ano passaram de 4,6% em abril para 4,5% e as para 5 anos subiram de 3,0% para 3,2%. Ainda, a prévia do índice de sentimento do consumidor medido pela Universidade de Michigan recuou de 63,5 em abril para 57,7 em maio.

Reagindo a tendência de enfraquecimento na demanda global, as exportações da China cresceram 8,5% no comparativo anual, mostrando uma acentuada desaceleração em relação a alta de 14,8% em mar/23. Já as importações retraíram-se em -7,9% no período, contrariando a previsão de queda de -0,3% e superando a baixa de -1,4% em mar/23. Dessa forma, desapontando as expectativas de intensificação da reaceleração do consumo doméstico. Em parte, o pior desempenho também se justifica pelo recuo recente nos preços das commodities.

Ainda, a inflação ao consumidor na China subiu 0,1% em abril na comparação anual, a taxa mais baixa desde fev/21, reduzindo-se em relação ao ganho anual de 0,7% em mar/23. Enquanto os preços ao produtor caíram -3,6% no período, ritmo mais rápido desde mai/20, após o recuo de -2,5% em março. A combinação com os números da balança comercial sugere que mais estímulos poderão ser necessários para impulsionar a recuperação econômica pós-covid, o que deverá aumentar a pressão sobre o Banco do Povo da China para cortar os juros ou liberar mais liquidez no sistema financeiro.



Fonte: Bureau of labor statistics/Bloomberg. Elaboração ABBC.

Aversão ao Risco

A aversão ao risco que chegou a diminuir na semana com a percepção favorável em relação ao CPI de abril dos EUA, no que tange ao final do ciclo de ajuste monetário. Contudo, o humor reverteu com a queda da confiança do consumidor e o aumento das expectativas de inflação de 5 anos que elevou a probabilidade de que a taxa de juros se mantenha em patamar restritivo por um período maior e, por consequência, os receios com uma desaceleração mais acentuada da atividade. Preocupação que fica acentuada com as restrições na demanda e oferta do crédito sinalizadas no 1T23.

Com as expectativas de inflação para 5 anos nos EUA avançando de 3,0% em abr/23 para 3,2% em maio, as chances de que o Fed aumente a taxa básica em 0,25 p.p. em junho cresceram levemente, para cerca de 16%, entretanto a expectativa pela manutenção é majoritária, conforme monitoramento do CME Group em 12/05.

A estrutura a termo se tornou menos inclinada na semana, com uma elevação nos rendimentos das *T-Notes*, com altas de 0,06 p.p. para 3,98% a.a. nos com vencimento de 2 anos, de 0,04 p.p. para 3,45% a.a. nos de 5 anos, de 0,02 p.p. nos de 10 anos e de 30 anos, respectivamente, para 3,46% a.a. e 3,78% a.a.. O índice Dow Jones exibiu uma queda de -1,1% e o S&P 500 de -0,3%. Por sua vez, beneficiado por bons resultados corporativos, o indicador da Nasdaq subiu 0,4% no período.

Uma nova alta de 0,25 p.p. para 4,50% a.a. na taxa básica de juros no Reino Unido e o entendimento de que o Banco Central Europeu (BCE) deva prosseguir por um bom tempo com o seu aperto monetário fizeram com que o índice FTSE e DAX 40 recuassem -0,3% no período. Ademais, no mercado de títulos públicos, o retorno do vencimento de 10 anos do título alemão recuou -0,02 p.p. no período para 2,27% a.a., enquanto o do Reino Unido ficou estável em 3,78% a.a..

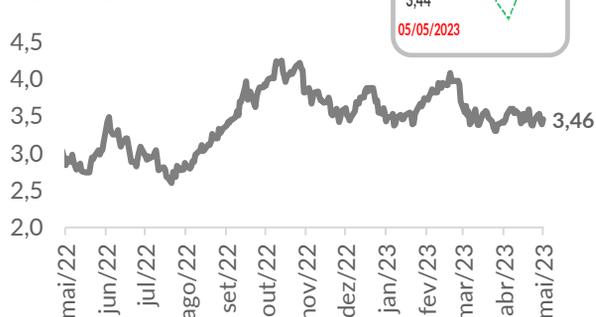
Descolando-se do exterior, os preços dos ativos locais beneficiaram-se da expectativa favorável quanto ao andamento do novo arcabouço fiscal. Assim, a despeito de os preços das commodities continuarem em queda, o Ibovespa acumulou uma alta de 3,2% na semana, alavancado pelo desempenho das ações do setor bancário. O prêmio do risco soberano, medido pelo CDS de 5 anos, teve uma ligeira alta de 0,89 bps. para 226,41. Refletindo os temores de recessão e diminuição da demanda, houve retrações de -2,3% na saca de soja negociada em Chicago, de -2,8% no minério de ferro na bolsa de Qingdao e de -1,5% no barril de petróleo tipo Brent.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	12/05/2023	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	108.464	3,2%	1,5%	2,6%
Nasdaq	12.285	0,4%	3,0%	8,0%
S&P	4.124	-0,3%	0,8%	4,9%
Dow Jones	33.301	-1,1%	-1,0%	4,9%
FTSE 100	7.755	-0,3%	-0,9%	7,2%
DAX 40	15.914	-0,3%	1,3%	15,8%
Nikkei 225	29.388	0,8%	4,6%	14,1%
Xangai	3.272	-1,9%	-1,6%	7,1%

T-Note

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Câmbio

Apesar da aposta majoritária na pausa do processo de aperto monetário no encontro de junho, o dólar ganhou força na semana com o mercado precificando que a taxa básica de juros nos EUA seguirá no atual nível por um bom tempo.

Com isso, o *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana em relação às dos países desenvolvidos, subiu 1,45% na semana, refletindo as depreciações de 1,57% no euro e de 1,43% na libra esterlina.

Em linha, o índice que calcula a variação das moedas dos países emergentes frente ao dólar recuou -0,54% no mesmo período, com destaques para as depreciações de 5,07% no rand sul-africano, de 1,34% no peso argentino e de 0,70% no peso colombiano, além das apreciações de 0,95% no peso mexicano e de 0,21% no rublo russo.

Com desempenho superior à média de seus pares emergentes, o real encerrou a semana com apreciação de 0,60%, com o dólar cotado a R\$ 4,92.

Na semana, o Banco Central atuou com a rolagem do *swap* cambial com vencimento em 03/07/2023.

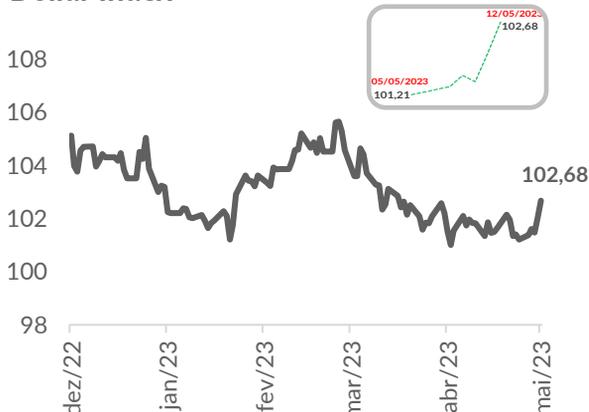
*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Real/US\$



Dollar Index



Índice de Emergentes*



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Produção Industrial – Mar/23

Interrompendo uma sequência de 3 quedas consecutivas, a produção física industrial cresceu 1,1% em março na série dessazonalizada, representado a alta mais robusta de 1,3% verificado em out/22. No ano, acumulou uma retração de -0,4%.

A performance mensal foi impulsionada pela indústria da transformação, com elevação de 1,4% na margem, após a queda de -0,3% em fev/23. Já a indústria extrativa mineral passou de um crescimento de 4,4% em fev/23 para uma ligeira queda de -0,08%.

Na série com ajuste, 3 das 5 grandes categorias econômicas apresentaram resultados positivos no mês, com destaque para a alta de 6,3% em bens de capital, beneficiada por máquinas e equipamentos. Alavancada pelos derivados de petróleo, a produção dos bens intermediários cresceu 0,9%. Em sentido oposto, a de bens de consumo recuou -1,2% no mês.

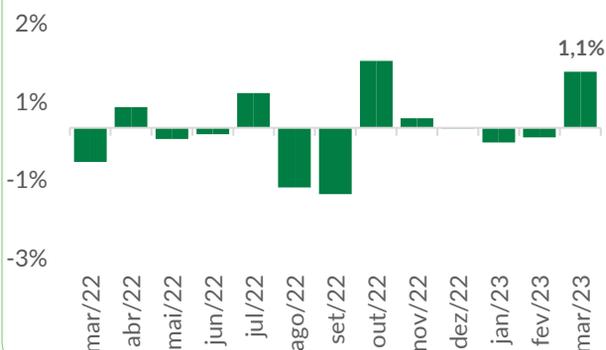
Ainda na série dessazonalizada, a média móvel trimestral apontou alta de 0,2% em março frente ao nível de fev/23. Ante mar/22, a produção cresceu 0,9%. Os resultados deixam um carregamento estatístico de +0,7% para o 2T23, mas uma queda de -2,4% para 2023.

Após conviver vários meses em terreno negativo, a variação anual do acumulado em 12 meses apresenta recuperação, alcançando 0,0% a.a.. Nessa mesma base de comparação, a indústria extrativa contraiu-se -2,1% a.a. em março e a de transformação crescia apenas em 0,3% a.a..

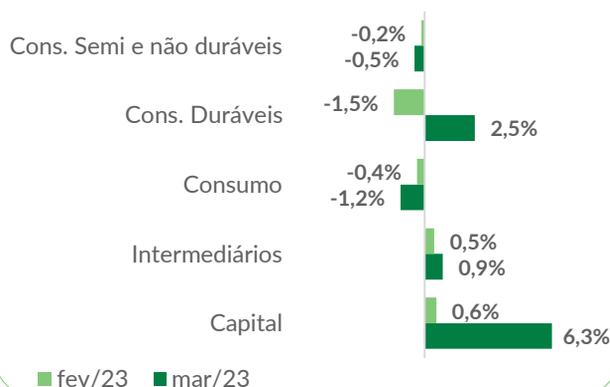
Entretanto, o nível de produção encontra-se ainda -1,3% abaixo do patamar verificado no pré-pandemia (fev/20) e -17,9% inferior ao nível recorde da série (mai/11).

Questões conjunturais como a elevada taxa de juros e o acesso difícil ao crédito, a alta da inadimplência e do nível de endividamento por parte das famílias, conjugados com o grande número de pessoas fora mercado de trabalho e a alta informalidade impactam a demanda por bens industriais e, conseqüentemente, o setor.

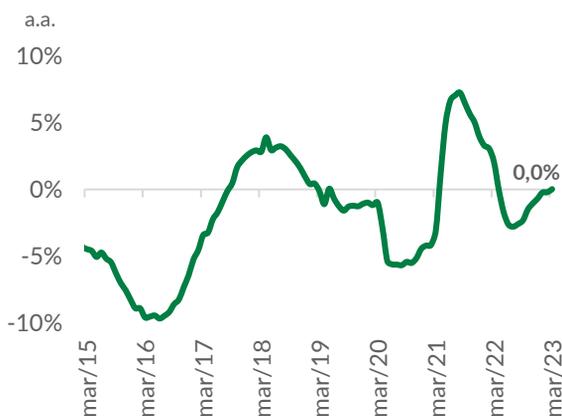
Varição Mensal Dados dessazonalizados



Categorias de Uso Variação Mensal – com ajuste



Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

ICEI - Mai/23

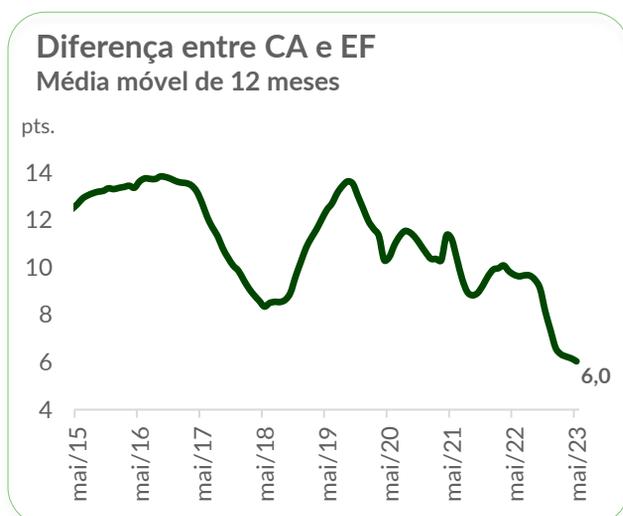
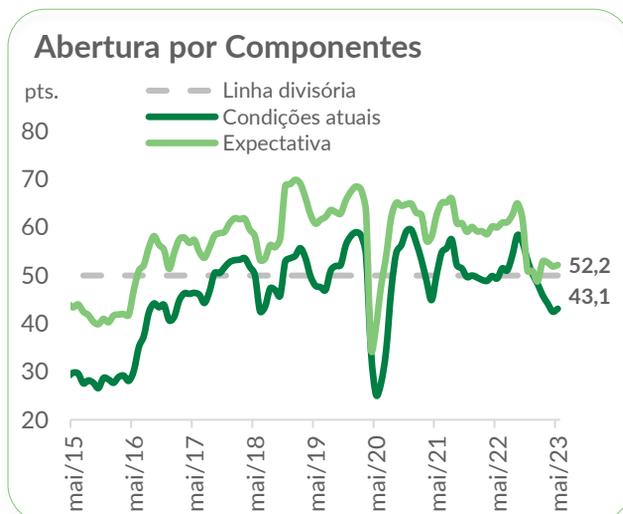
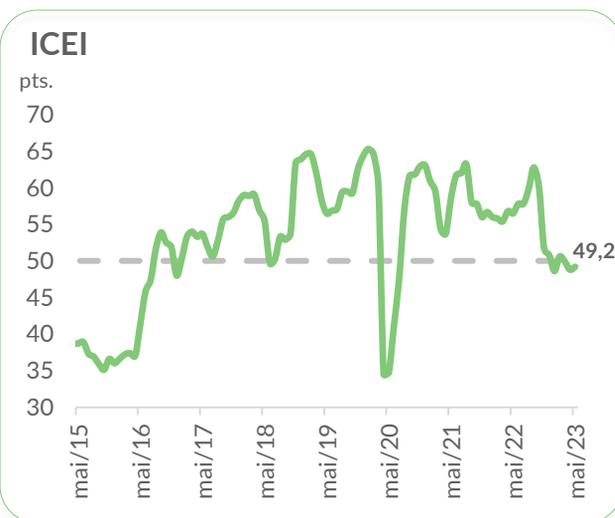
Com uma ligeira recuperação em maio, o índice de confiança do empresário industrial (ICEI), apurado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), avançou 0,4 pt. para 49,2 pts., mantendo-se ainda abaixo dos 50 pts., que delimita as zonas de otimismo ou falta de confiança. Esse resultado mostra-se -7,3 pts. inferior ao observado em mai/22 (56,5 pts.).

Embora pequena, a recuperação mensal foi disseminada entre os componentes do indicador. Com um crescimento mais expressivo, de 0,6 pt. para 43,1 pts., o índice de Condições Atuais (CA) continuou abaixo da linha divisória, indicando uma perspectiva de piora das condições correntes em relação aos últimos 6 meses. No entanto, o resultado marca o 1º avanço mensal do componente desde set/22. Nesta categoria, a avaliação dos empresários quanto aos negócios avançou de 45,6 pts. para 45,9 pts. (0,3 pt.), enquanto para a economia brasileira a alta foi mais significativa, de 36,5 pts. para 37,4 pts. (0,9 pt.), porém situando-se muito aquém da linha divisória.

Por sua vez, indicando um cenário um pouco mais otimista para os próximos 6 meses, o índice de Expectativas (IE) cresceu 0,3 pt. no mês para 52,2 pts.. A perspectiva dos empresários sobre a empresa avançou 0,2 pt. para 55,7 pts., ainda no nível de otimismo. Por outro lado, ainda que a perspectiva sobre a economia brasileira tenha aumentado 0,4 pt. no mês, continuou na zona de falta de confiança (45,1 pts.).

Com isso, o índice de condições atuais situou-se 9,1 pts. abaixo do índice de expectativas, mostrando deterioração na insegurança dos empresários quanto aos últimos 6 meses. A média móvel de 12 meses da diferença entre CA e EF vem recuando consistentemente desde abr/22 (9,8 pts.), ficando em 6,0 pts. ante 6,2 pts. em abr/23.

A pesquisa foi realizada com 1.450 empresas, sendo 571 de pequeno porte, 549 de médio porte e 330 de grande porte, entre os dias 2 e 8 de mai/23.



Fonte: CNI. Elaboração ABBC

Endividamento – Abr/23

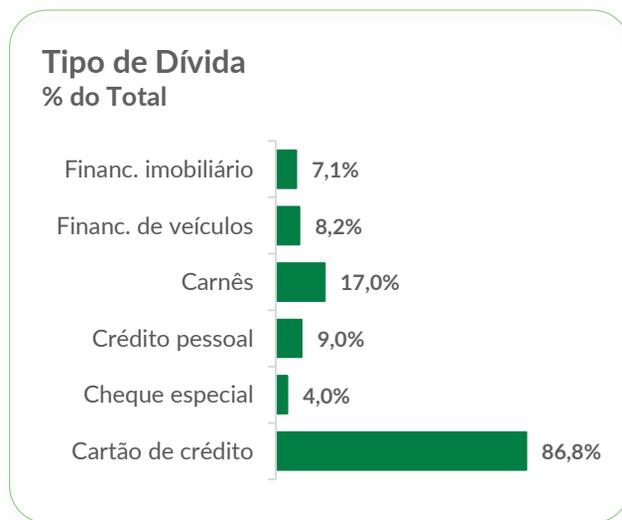
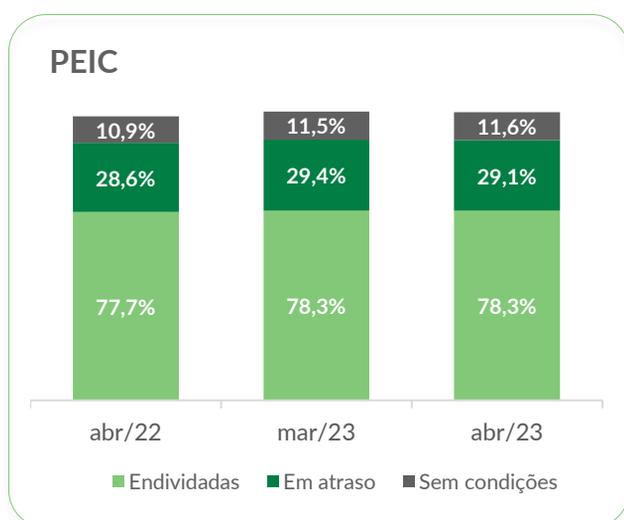
Com os efeitos da desaceleração da inflação corrente e dos números ainda favoráveis no mercado de trabalho contrabalançados pela restrição na oferta de crédito e pela perspectiva futura de perda de fôlego da atividade econômica, a Pesquisa de sentimento do Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), apurada pela CNC, indicou em abril que o percentual de famílias que se consideram endividadas manteve-se estável, pelo 3º mês consecutivo, em 78,3%. Porém em 12 meses houve uma elevação de 0,5 p.p..

Desse total, 17,3% consideram-se “muito endividadas”, indicador que voltou a crescer após 2 recuos em um contexto de juros elevados. A proporção de famílias que declararam estar com contas atrasadas recuou de 30,0% em dez/22 para 29,1% em abril, com queda de -0,3 p.p. na margem e aumento de 0,6 p.p. em 12 meses, redução possivelmente beneficiada pela melhora da renda disponível e o alívio na inflação, notadamente nos preços dos alimentos.

Contudo, essa dinâmica ocorre de forma distinta entre as faixas de renda, com a queda maior nas famílias de menor rendimento, movimento que pode ser explicado não só por uma evolução mais favorável nos preços dos alimentos, mas também pela melhora na remuneração dos programas de transferência de renda (Bolsa Família) e nas contratações formais de pessoas de menor nível de escolaridade. Para as famílias com rendimento de até 3 salários-mínimos (SM), as dívidas em atraso caíram -0,6 p.p. na margem para 36,3%. Para as com rendimento entre 3-5 SM a redução foi de -0,1 p.p. para 27,3%. Em contrapartida, para as famílias com maiores remunerações, as dívidas em atraso cresceram, com alta de 1,1 p.p no mês para 22,6% para aquelas que ganham entre 5-10 SM e de 0,2 p.p. para com ganhos superiores a 10 SM.

Ainda, aquelas famílias que têm dívidas atrasadas há mais tempo, continuam enfrentando dificuldades para sair da inadimplência dados os juros elevados. Assim, o percentual das famílias que não teriam condições de arcar com as dívidas atrasadas avançou 0,1 p.p. na margem e 0,6 p.p. em 12 meses para 11,6%. A análise do tempo de pagamento em atraso dessas dívidas aponta que as famílias com contas atrasadas por mais de 90 dias seguem tendência de crescimento, passando de 41,9% em out/22 para 45,2% (44,1% em abr/22).

Por fim, o principal tipo de dívida continua concentrado em linhas de crédito rotativo, com destaque para o cartão que foi citado por 86,8% dos entrevistados (86,1% em mar/22). Em seguida, aparecem os carnês com 17,0% de participação (17,4% em mar/23) e o crédito pessoal (9,0% ante 8,6% em mar/23).



Fonte: CNC. Elaboração ABBC

Veículos - Abr/23

Segundo dados da ANFAVEA, a produção de autoveículos voltou a cair em abril, ficando em 178,9 mil unidades, o que representou uma queda de -3,9% na comparação com abr/22, época fortemente marcada pela falta de componentes, sobretudo semicondutores. Esse resultado é ainda bem inferior aos 221,8 mil registrados em mar/23, embora muito acima dos valores de abr/20 (1,8 mil).

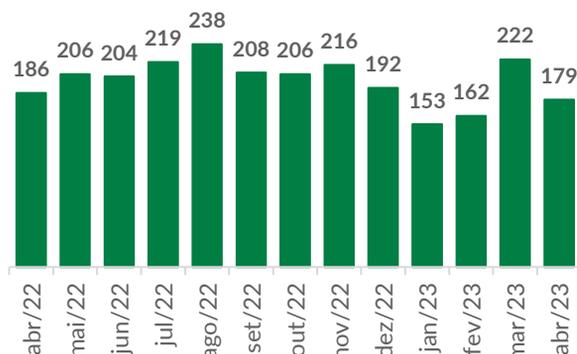
No acumulado do ano, houve aumento de 4,8%, com 714,9 mil veículos emplacados no período. A evolução anual da produção acumulada em 12 meses voltou a recuar, passando de 12,3% a.a. em mar/23 para 12,2% (-3,3% a.a. em abr/22).

A despeito dos crescimentos na margem de 0,5% e no aumento do acumulado no ano em relação ao mesmo período de 2022 de 14,4% das vendas, o setor automotivo mantém ritmo de atividade muito aquém de sua capacidade, dificultando as fábricas a operarem sem paralisações esporádicas e sem redução na quantidade de turnos. Quantificando-se foram vendidas 160,7 mil unidades no mês e 632,5 mil unidades no quadrimestre. No acumulado em 12 meses, as vendas somaram 2,18 milhões, com uma alta de 10,9% a.a. (8,7% a.a. em mar/23 e -8,3% a.a. em abr/22).

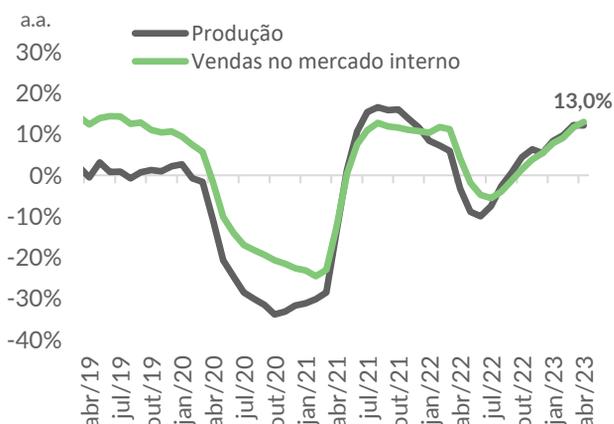
Em meio à queda de demanda nos principais mercados externos, as exportações da indústria automobilística recuaram -24,1% em abril ante abr/22 e -4,3% no quadrimestre. No acumulado em 12 meses, o volume das exportações passou de 24,8% a.a. em mar/23 para 18,7% a.a. (11,7% a.a. em abr/22), com a participação das exportações no total acumulado recuando de 20,1% a.a. em mar/23 para 19,7% a.a. (18,7% a.a. em abr/22).

Produção Mensal

Em mil unidades

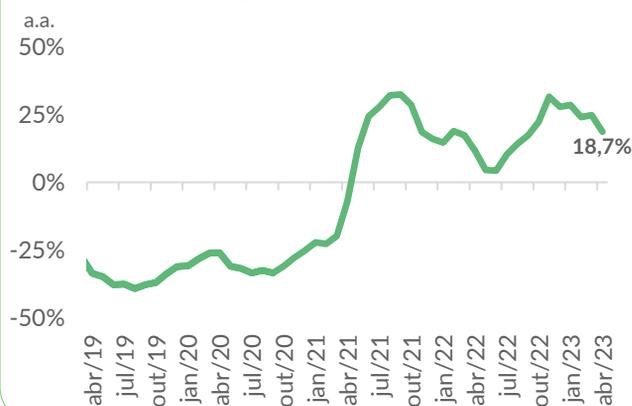


Acumulado em 12 meses



Exportações

Acumuladas em 12 meses



Fonte: Anfaeva. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	1,0	1,4
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	6,9	8,3
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	9,0	9,0
IPCA (% a/a fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	6,1	4,2
IGP-M (% a/a fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	2,2	4,2
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	12,50	9,75
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	60,0	55,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-48,0	-53,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	80,0	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	5,20	5,25
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,0	-0,8
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,8	-7,0
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	61,0	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	77,0	80,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688